

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

História, Escrita e Espaço: configurações do Seridó Potiguar

Olívia Morais de Medeiros Neta*

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar as configurações espaciais do Seridó potiguar — situado na porção centro-meridional do Estado do Rio Grande do Norte — a partir das seguintes obras: *Homens de Outrora* (1941), de Manuel Dantas; *Seridó* (1954), de José Augusto Bezerra de Medeiros; *Velhos Costumes do Meu Sertão* (1965), de Juvenal Lamartine de Faria e *Sertões do Seridó* (1980), de Oswaldo Lamartine de Faria. O discurso historiográfico será indagado quanto às representações de espaço e às configurações que o (de) marcam.

Palavras-chave: Seridó potiguar. Espaço. Escrita da História.

Abstract: The aim of this work is to analyze the spatial frames of reference of the Seridó — a region located in the hinterlands of Rio Grande do Norte state — from the following texts: *Homens de Outrora* (1941), by Manuel Dantas; *Seridó* (1954), by José Augusto Bezerra de Medeiros; *Velhos Costumes do Meu Sertão* (1965), by Juvenal Lamartine de Faria; and *Sertões do Seridó* (1980), by Oswaldo Lamartine de Faria. The historiographical discourse will be investigated as to representations of space and the frames of reference that demarcate it.

keywords: Seridó potiguar. Space. Writing of History.

O objetivo deste trabalho é analisar as configurações espaciais do Seridó potiguar a partir do discurso historiográfico. O *corpus* documental é composto pelas obras *Homens de Outrora* (1941), de Manuel Dantas; *Seridó* (1954), de José Augusto Bezerra de Medeiros; *Velhos Costumes do Meu Sertão* (1965), de Juvenal Lamartine de Faria e *Sertões do Seridó* (1980), de Oswaldo Lamartine de Faria. A escrita, se constitui enquanto recorte para análise, sendo entendida enquanto uma prática que (de)marca e institui rostos para os espaços.

Esta é uma História dos Espaços que, tem como problemática a institucionalização de sentidos para o Seridó, como decorrência da locução discursiva. As fontes-obras, citadas acima, foram escolhidas por serem as que, dentro da historiografia sobre o Seridó, compõem uma mesma *formação discursiva*, bem como estas serem responsáveis por estudos acerca deste como um recorte espacial demarcado pela história.

O Seridó potiguar segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, (BRASIL, 1989), situa-se na porção centro-meridional do Rio Grande do Norte e, atualmente

* Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, área de Concentração em História e Espaços, tendo defendido a dissertação **Ser(Tão) Seridó em suas cartografias espaciais**. Professora substituta do Centro de Ensino Superior do Seridó – UFRN. E-mail: olvianeta@yahoo.com.br

é representado pelos territórios de 17 (dezesete) municípios. Além da configuração espacial produzida para o Seridó norte-rio-grandense pelo IBGE, pode-se considerar uma outra configuração que seria a do Seridó historicamente construído. (MORAIS, 2005). Este, atualmente, é composto pelo território de 23 (vinte e três) municípios que, de forma direta ou indireta, se desmembraram de Caicó, primeira municipalidade a se constituir no referido recorte espacial.

Quando nos referirmos ao Seridó estaremos considerando os limites do historicamente construído. Esta opção dar-se por este recorte tomar como base a história, visto que, sua produção é considerada a partir dos processos de colonização e povoamento e assim, a delimitação do Seridó historicamente construído é também uma história dos espaços, de seus usos e práticas.

A investigação parte do princípio de que o Seridó é configuração narrativa decorrente do discurso historiográfico que é instituído na relação entre o lugar social de seus autores e da prática discursiva. Portanto, a investigação aqui proposta se insere no debate historiográfico que pensa a construção dos espaços. Nossa pesquisa também está associada à noção de autoria, o que faz nosso estudo desenvolver-se na interface da historiografia, justificando a busca das subjetivações dos autores para o espaço e problematizando-as a partir dos lugares sociais destes.

Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine de Faria e Oswaldo Lamartine de Faria são descendentes de famílias que participaram do processo de colonização e povoamento do Seridó, havendo entre os mesmos laços de parentesco, são parte de uma outra rede: a familiar, a genealógica. Neste sentido, o discurso historiográfico é produzido como forma limite para o espaço e para justificar ou reafirmar a presença e relevância de determinadas linhagens genealógicas no Seridó potiguar.

A investigação está articulada com o método de análise do discurso que “[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder pelo qual nós queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2004, p. 10). Ainda ressaltamos que o discurso não é o que se diz sobre alguém ou alguma coisa, mas o conjunto de enunciados que circulam, em determinado momento, na sociedade e, sua análise consiste na percepção dos enunciados recorrentes ou silenciados numa série discursiva, daí ser tomado como método de análise para os *discursos sobre* e *discursos de* Seridó na historiografia.

O espaço territorial do Seridó é lido e produzido nos recortes dos atos de fala que na dimensão discursiva vem compor a espacialidade da escrita que é marcada sob a coação de

formas, que nela se exercem. É a escrita, um espaço estriado que entrecruza fixos e variáveis, ordena e faz sucederem-se formas distintas, que é passível de ser cartografada, de ser mapeada; é o espaço extensivo, enquanto conjunto de marcas que dá sinais, dobraduras em sua extensão. (DELEUZE; GUATTARI, 1997a).

A noção de espaço estriado é entendida a partir da problematização de Deleuze e Guattari (1997a) quando discutem os modelos e os aspectos variáveis das relações entre os espaços lisos e estriados. E, como um tecido que tem motivos estampados a escrita é um conjunto de gravuras, de combinações distintas, é um arranjo de símbolos e signos, tem marcas — é espaço.

Como este tecido, a escrita pode ser cortada por manchas, por gravuras concretas e/ou abstracionistas, pode também ter uma superfície lisa. Aqui podemos perceber duas leituras possíveis ao espaço, um espaço liso e um espaço com estrias. Vislumbrar a escrita é focar seus autores, sujeitos de discursos que expressam maneiras de subjetivação e vivência dos códigos que definem suas concepções. Uma obra pode viabilizar uma história de produção de seus autores, uma história de produção de suas subjetividades, da construção de sua identidade de autor e da prática discursiva de sua escrita.

Ao pensarmos a relação entre autor e texto consideramos que, sua função é caracterizar a existência, a circulação e a operacionalidade de certos discursos numa dada sociedade. Buscar o autor é dar visibilidade ao lugar particular do sujeito do discurso, os lugares de autoria, que estão articulados com a história das formas de pensamento.

Ao analisarmos as configurações de um estatuto de autoridade sobre o Seridó, nos voltamos ao lugar de produção do conhecimento dos autores, pensando o *eu* e a escrita como espaços de idéias. O Seridó, como temática de estudo nas obras analisadas, é parte dos corpos e desejos dos autores, estes se colocam enquanto *naturais, filhos da terra* e escrever sobre esta e para esta terra seria produzir um estatuto de autoridade do sujeito e de seu espaço.

O espaço íntimo que é traduzido em narrativa histórica é o Seridó particular e singular de cada um dos autores que sentem o desejo de cantar *sua terra*, de (re)afirmar um estatuto de mando fosse político, das letras ou econômico. (BACHELARD, 1993).

As obras de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constituem-se em um corpo escrito, uma nova vida para si, recriação a si mesmo, dando ao seu *eu* poético uma voz que iria ecoar através da historiografia; seja passando de um espaço estriado pelas marcas pessoais, hereditárias, marcas de família, para um espaço liso que perdia suas marcas, um espaço onde o anonimato vem (de)marcar um tecido que

apresenta estampas ordenadas e deixa sua função de estria, para em conjunto constituir um espaço liso.

Os autores destacados no trabalho ocupam o lugar de sujeito do conhecimento erudito, seus trabalhos de escrita não eram vistos como separados de sua vida privada ou íntima, não havendo uma cisão clara entre suas identidades pública e privada, daí o Seridó escrito pelos autores em destaque ser o de suas vivências, de suas memórias, de seus desejos. A escrita era a vida e esta era sobre suas vidas, onde experiências íntimas e interesses privados se misturavam com suas atividades pública de escritor. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005).

Escrever sobre o Seridó era escrever-se em um espaço, lembrar dos tempos da infância, dos antepassados, de um lugar que imprimiu marcas em suas subjetividades. Eram os tempos de outrora de si e do Seridó, era a tradição e a memória que passavam a delimitar a produção sobre o Seridó e o *espaço do eu*. Estes sujeitos ocupariam o lugar de erudito, marcados pela ocupação de diferentes tipos de conhecimento e diferentes funções. Assim, quando Manoel Dantas se constituía enquanto jornalista, professor, advogado, escritor, fotógrafo ele estava reforçando seu lugar de erudito, caminhante por distintos saberes e ações; o mesmo acontecia com José Augusto e Juvenal Lamartine que entrelaçavam as atividades de político, professor, escritor, jornalista, advogado; não diferente de Oswaldo Lamartine que ocupava funções de funcionário público, agrônomo, historiador, etnógrafo.

Como (inter)locutores do Seridó, delineavam um lugar próprio para tal locução: o lugar do pertencimento. O *espaço do eu* era o que lhes davam a autoridade em seus escritos, em que narravam o Seridó. Narrar as lembranças, locutar as secas como problema, divulgar o homem do Seridó como forte eram enunciados que bordejavam o nome dos autores e afirmavam para tais o estatuto de autoridade em termos de escrever, representar e dizer o Seridó.

As configurações do Seridó no discurso historiográfico compõem um corpo, é um *corpo escrito* (CERTEAU, 2002) que, como o próprio corpo físico e humano daquele que escreve, delas se apropriou e como um palimpsesto fez do seu corpo escrita e de sua escrita seu corpo. Desta forma o corpo seria pena, papel e tinta (GIL, 1997), por ele e com ele nossos autores sentiam e escreviam o Seridó.

O *espaço do eu* imbricando-se com o Seridó produz formas de relacionamentos e associações destes homens e suas obras. Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constituem-se como *Homem-Terra*, pois em seus escritos pensam o Seridó, apresentam-no enquanto berço e lugar comum, como espaço de vivências e de lutas,

cartografado em seus desejos, espaço do eu que se imbrica com a escrita de si e a escrita da história.

O Seridó denominador comum! para Manoel Dantas e seus escritos sobre sertão e sertanejo, José Augusto e seu *Seridó* para Juvenal Lamartine e os *Velhos costumes do sertão* e para Oswaldo Lamartine e seus *Sertões do Seridó*. Seridó mínimo múltiplo comum de sertão, terra e homem. Seridó *Espaço do Eu*.

Do *espaço do eu* nos voltamos para a análise da configuração do Seridó como sertão – Sertão do Seridó. Entendemos a construção do sertão como um espaço de sentimentos múltiplos que é composto por marcas, por formas ambíguas, mas que por força de sua formação dentro dos interesses políticos, econômicos e culturais, é lido de forma universalizante, sendo congelado em formas discursivas que denotam como elementos de composição deste espaço, enunciados como o gado, a seca e o algodão.

Quando destacamos que o discurso historiográfico configura um Seridó com os estatutos de autoridades de homens que delimitam suas vozes a partir das vivências, estamos por considerar que o sertão produzido é um conjunto de atribuições de sentido, sendo estas várias, mas que tem como cerne as faces de um sertão Seridó. É o sertão que está para o Seridó assim como o Seridó está para espaço de autoria dos autores aqui destacados. O sertão é metáfora para o Seridó, é ele, a cerca mais forte para este espaço que não mais é só do gado, mas também do algodão que vem dar marcas para o homem que habita o lugar.

Como um problema para o Seridó, a seca é apresentada no discurso historiográfico como temática que envolve o espaço e os homens deste. Manoel Dantas no ensaio *O Problema das Secas* discorre sobre estas e as apresenta dizendo que “[...] periodicamente flagelam os Estados do nordeste [e] constituem um dos problemas mais sérios que devem, por igual, preocupar governos e povos, todos eles sofrendo diretamente suas conseqüências.” (DANTAS, 1941, p. 111). Nas páginas de sertão e do sertanejo escritas por Manoel Dantas, o Seridó é produto da colonização pelo gado e é receita de um conjunto de imagens da relação homem e natureza.

Do sertão de Manoel Dantas e a patente necessidade de civilizar-se cotejamos um outro sertão, o das vivências e desejos de Juvenal Lamartine que é tecido a partir da memória, do viver e rememorar uma vida rural. É ele, um cultor dos *Velhos Costumes do Sertão*, cujas letras são grafadas com as lembranças das conversas no copiar, das histórias ouvidas em noites de lua cheia, das comidas e festas da infância e primeira juventude.

A narrativa de Juvenal Lamartine é a voz do sertanejo que, narrando os velhos costumes de seu sertão, compõe lugares de memória, lugares de uma memória engessada por

identificações quanto ao ser cultural preso às histórias do gado, do gentio, do senhor da fazenda, da devoção cristã, da terra dura que produz homens fortes, do ser e estar num espaço que se fecha em si mesmo, seja pela poética, pela memória sempre recorrida, seja por uma produção de uma cartografia sentimental dos desejos.

Como lugar vivido o Seridó, sertão, aparece na narrativa de Oswaldo Lamartine (2001) que para justificar os estudos sobre o Seridó apresenta o fator telúrico ao escrever *É a força da terra* e prossegue dissertando acerca do sertão Seridó, “[...] é mais que uma região fisiográfica. Além da terra, das plantas, dos bichos e do bicho-nomem – tem o seu viver, os seus cheiros, cores e ruídos [...]” (FARIA, 2001, p. 10). Assim, Oswaldo Lamartine destaca a relação social dele com o espaço e particulariza o seu sertão que é o do Seridó. O autor ainda destaca “Cada vivente tem o seu sertão [...]. Para mim o sertão é a caatinga.” (FARIA, 2001, p. 13).

Em *Seridó*, José Augusto (1954) faz um recorte espacial emergir a partir de explicações históricas, econômicas, políticas; seu Seridó é escrito e até prescrito na obra em que ele significa o espaço e oferece-o à leitura, o escreve para torná-lo vivo. O Seridó como o *espaço do sertão*, tórrido, seco e duro não comportaria o avanço científico, não seria palco de um futuro. Desta forma, sanar o flagelo das secas era dar à terra e ao homem as possibilidades de nela e dela viver, de ser parte da terra e dela extrair vida.

O Seridó é um desafio, é uma textura marcada por estiagens e a enunciação mais recorrente ao longo da obra *Seridó* é: ajuda para o homem vencer a natureza, burlar suas barreiras e fazer da terra plantio de produção do algodão e do homem de finas fibras.

O sertão é um texto e o Seridó é a narrativa deste. Os textos escritos por Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine para o Seridó potiguar, configuram o espaço com vestes de *sertão*, categoria usada recorrentemente para nomear as terras que compõem o espaço do Seridó.

O Seridó como *espaço sertão* se configura como uma das possibilidades de visibilidade para as narrativas de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine. Uma outra configuração produzida e passível de análise acerca do Seridó é a de um *espaço de luta* em que homem e natureza expressam-se como elementos narrativos.

A partir dos *espaços do eu e do sertão*, destacamos a relação entre homem e natureza a partir da historiografia seridoense. Para pensarmos esta relação destacamos a configuração de um *espaço de luta*, do embate travado do homem para com o meio.

Para o estudo do Seridó como o *espaço de luta*, ressaltamos uma leitura acerca do ambiente, sua paisagem e natureza que configuram limites para o Seridó. Assim, a face da

história ambiental é referida para entendermos como homem e natureza são subjetivados, significados pelos autores estudados.

Um campo importante da história ambiental é o estudo dos valores humanos atribuídos à natureza. (DRUMMOND, 1991, p. 190). Desta forma, analisar o Seridó na interface do homem e da natureza é atentar para a construção de seu espaço concreto, destacando a sua natureza, percebendo como o homem e suas ações deram limites físicos e sentimentais ao Seridó potiguar.

(D)escrever a flora com cores cinzentas, galhos secos e retorcidos, é um ato de perceber o entorno, de atribuir sentidos. Desta forma, o Seridó ao passo que tem (d)escrito o seu espaço é configurado na fronteira entre o dizível e o sensível.

O Seridó como *espaço de luta* do homem e da terra é então um impasse presente nos escritos de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine, estes voltando suas atenções para tal questão estão escrevendo, refletindo sobre a vida, um tempo passado, mas também presente e futuro. A história do Seridó presente nas narrativas desses autores, é uma história da natureza e da relação dos homens com a mesma.

Manoel Dantas quando discute a vida sertaneja, o problema das secas está pensando como o sertão está em toda parte, em cada vivente, como um espaço marcado pela prática da pecuária haveria de utilizar a técnica para possibilitar o *progresso*. A natureza e suas *leis e segredos* são para este autor os desafios do homem que, apenas com trabalho e indústria são capazes de dominá-la. Este domínio consistia em vencer desafios, em prover resistência frente fenômenos como a seca.

Ao escrever sobre as características econômicas do Seridó, José Augusto historiciza os usos do espaço, pensando este como um grande palimpsesto com marcas de uma colonização pela pecuária e a bravura dos vaqueiros, do cultivo do algodão e os acenos de *progresso econômico*. A natureza corta sua narrativa, é uma constante que está ditando formas de pensar e agir sobre o espaço que como objeto de análise. E o próprio viver no Seridó é estar em luta com o espaço, lutando com a seca, a aridez, de uma exigência de novos mecanismos para amenizar a erosão da natureza frente o homem.

Na narrativa de Juvenal Lamartine, a natureza tem o homem como o sujeito modelador ou aquele que a transforma; sabia que a natureza não era fixa e que o homem era um dos agentes construtores de novas naturezas. Sua natureza é configurada a partir da noção de espaço transformado pelo homem. Ela seria envolvida pelo gesso da tradição, daí o autor evocar a necessidade de escrever sobre o *sertão de outrora* para fixar um espaço vivido.

Oswaldo Lamartine coloca-se como o locutor do *sertão de nunca mais*, de práticas como a caça, a pesca e a conservação de alimentos. O homem é sempre um interventor junto a natureza e suas possibilidades. A natureza dos *sertões do Seridó* é a da paisagem da caatinga.

Nas narrativas de seu *sertão de nunca mais* é a caatinga a paisagem composta como cenário, nela as práticas e costumes como a caça, a pescaria, a criação de abelhas tomam corpo e são envolvidas pela tradição oral. A natureza, na obra de Oswaldo Lamartine apresenta-se como um cenário (d)escrito e cartografado em páginas sobre a fauna, a geografia e a topografia.

O *espaço de luta* configurado por Oswaldo Lamartine é um conjunto que contém e está contido elementos da própria natureza. É o gado rasgando os sertões levando homem ao espaço liso, é a caatinga como *homogeneidade* no Seridó e, este espaço produz os *sertões do Seridó*, múltiplos em seus elementos, mas singular no sentimento de pertença.

Assim, a possibilidade de entender a escrita da natureza a partir de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constitui-se como a via possível de uma escrita histórica para o Seridó. Narrativa em que uma história da natureza e uma história dos homens são tecidas no mesmo movimento, em que configuram um *espaço de luta*.

Das configurações do *eu*, do *sertão* e de *luta*, o Seridó é um texto e nos escritos de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine configuram o espaço com vestes de um Seridó-sertão vivido e de outrora. É um espaço em que a seca é destacada como o principal problema e a tradição é o elo dos autores com o Seridó potiguar, visto que, escrevem a partir de seus lugares de *famílias tronco* e de homens que estavam associados a questões políticas e econômicas do lugar.

No *espaço do eu*, o Seridó é configurado como parte dos corpos e desejos dos autores que ao escreverem sobre o espaço também estão fazendo a locução de si, colocando-se enquanto *naturais, filhos da terra*, pois escrever sobre esta e para esta terra seria produzir um estatuto de autoridade do sujeito e de seu espaço.

O *espaço sertão* é produzido a partir da identificação entre sertão e Seridó, enunciação reforçada por representações de um espaço caracterizado pela seca, pela pecuária, pelo cultivo do algodão o que institucionalizou a nomeação de um novo recorte espacial como ícone do sertão onde, os homens e a terra configurariam o espaço do desafio, uma *luta*.

O *espaço de luta* é produzido a partir das considerações de Manoel Dantas sobre o problema das secas e a vida sertaneja, das descrições e análises de José Augusto acerca do

espaço seridoense, das memórias de Juvenal Lamartine sobre o viver nos sertões e dos escritos de Oswaldo Lamartine sobre a caatinga e a poética de um *sertão de nunca mais*.

Seridó: espaço da escrita da história, de suas vozes e suas configurações do *eu*, do *sertão* e de *luta*. Os *espaços que ficam* são construções discursivas acerca do Seridó que fôra, pelas vozes de Manoel Dantas, de José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine (d)escrito, cartografado, sentido e subjetivado.

Referências:

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. Recife: FJN, Ed Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. De Amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. **Trajetos – Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005.
- AUGUSTO, José. **Seridó**. Rio de Janeiro: Borsoi – Editor, 1954.
- _____. **A Região do Seridó**. Natal: Edições Cactus, 1961.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Resolução PR n. 51 de 31 de setembro de 1989. **Boletim de Serviço**, Brasília, p.2, 1989.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- DANTAS, Manoel. **Homens de Outrora**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1941.
- _____. A Vida Sertaneja. In: DANTAS, Edgard. **Projeto de recuperação da Memória e produção intelectual de Manoel Dantas**. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. v. 887, p. 03-22, abr. 1996. (Coleção Mossoroense, Série C).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1440 – O liso e o estriado. In: _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed 34, 1997a. p. 179-214. (v. V).
- DRUMMOND, José Augusto. A História ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n.8, p. 177-197, 1991.
- FARIA, Juvenal Lamartine de. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.
- FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.
- _____. **Em Alpendres d’Acauã**: Conversa com Oswaldo Lamartine de Faria. Natércia Campos (Org.). Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC; Natal: Fundação José Augusto, 2001.
- _____. **De Cascudo para Oswaldo**. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2005. (Coleção Mossoroense).
- FISCHER, Rosa M. B. Análise do discurso: para além de palavras e coisas. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p.18-31, jul. 1995.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. 4. ed. Portugal: Veja/Passagens, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- GIL, José. **Metamorfoses do Corpo**. Lisboa: Relógio D’Água, 1997.
- MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A Penúltima versão do Seridó – Uma história do regionalismo seridoense**. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2005.
- MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense: uma geografia da resistência**. Caicó: Edição do Autor, 2005.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.